

O PERDÃO E SUAS MÚLTIPLAS FACES NA JORNADA EM BUSCA DA PAZ INTERIOR

Aldemario Araujo Castro

Advogado

Mestre em Direito

Procurador da Fazenda Nacional

Brasília, 2 de novembro de 2025

O perdão ocupa posição central na ética cristã. Nessa linha, existem importantíssimos registros bíblicos (tomados como lições morais, sem conotações religiosas ou dogmáticas). Eis alguns dos principais:

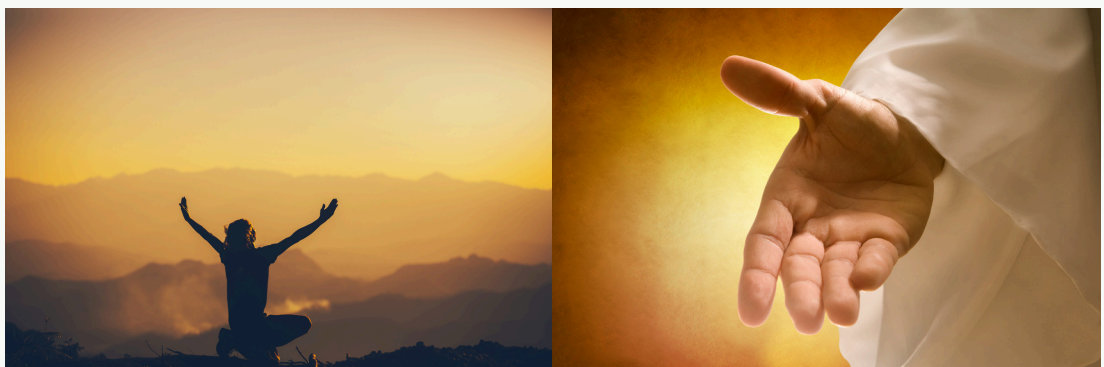
"Então Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou: 'Senhor, quantas vezes deverei perdoar a meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?' Jesus respondeu: 'Eu digo a você: Não até sete, mas até setenta vezes sete' " (Mateus 18:21-22). Ao mencionar "70x7", Jesus utilizou uma expressão hebraica que representa um número infinito de vezes.

"Pai, perdoa-lhes, pois não sabem o que fazem" (Lucas 23:34).

"Perdoa as nossas dívidas, assim como perdoamos aos nossos devedores" (Mateus 6:12).

"Suportem-se uns aos outros e perdoem as queixas que tiverem uns contra os outros" (Colossenses 3:13).

Ocorre que nenhuma dessas referências esclarece no que consiste o perdão e quais são as suas consequências. Aparentemente, o assunto está envolto em incompreensões e confusões em torno do assunto.



Recentemente, ouvi algo assim: “tenho muita dificuldade em perdoar. Voltar a conviver fraternalmente, depois do difícilíssimo perdão, é impensável”.

Em essência, **perdoar** é a escolha ou decisão consciente de superar o ressentimento, a raiva ou mágoa decorrente de uma ofensa recebida. O perdão pode até ser comunicado ao ofensor, mas não é algo essencial ou indispensável. A exteriorização não caracteriza o perdão. Trata-se de um ato interno, voltado para dentro, que envolve: a) reconhecer a ofensa (ou dano); b) optar por não manter e alimentar o rancor e c) abandonar a dor ou peso emocional.

O perdão é, por excelência, um **ato de libertação**. Quem perdoa segue a jornada da vida mais leve e sem ficar prisioneiro do erro do outro. Trata-se de um processo profundo relacionado com a cura emocional e a paz interior. Essa perspectiva foi retratada com maestria por Martin Luther King Jr., quando afirmou: “Eu decidi ficar com o amor. O ódio é um fardo muito grande para suportar”.

Perdoar não é **esquecer**. A memória da experiência vivida, tanto a ofensa quanto o perdão, funciona como uma importante fonte de aprendizado e, por consequência, evolução espiritual. É viável reconhecer padrões prejudiciais na nossa conduta e no comportamento alheio. É possível desenvolver maior empatia com as limitações e falhas próprias do convívio humano. A resiliência também pode ser exercitada. Ao manter a lembrança sob a lente do perdão, livre da amargura e do desejo de vingança, fica fortalecido o caminho de crescimento pessoal que fatalmente enfrentará outras ofensas, dores, revezes e dificuldades.

O perdão não exige um pedido de **desculpas**. Esse pedido está vinculado ao grau de maturidade do ofensor e, em certos estágios de desenvolvimento moral, a própria ofensa pode nem sequer ser reconhecida. Assim, como já foi mencionado, o perdão tem relação com o progresso moral do ofendido e, nessa perspectiva, independe do agressor. Deve ser pontuado que o perdão sem desculpas pode ser um momento especialmente importante na trajetória de vida do ofensor. A ausência de retaliação tem o potencial de provocar profundas reflexões e despertar uma consciência que, de outra forma, talvez nunca se manifestasse.

Perdoar não impõe a **convivência** com o ofensor. O perdão não exige amizade, reconciliação ou qualquer tipo de convívio com quem causou a agressão. As reflexões próprias do processo de perdoar podem identificar que a pessoa perdoada é uma fonte significativa das mais diversas negatividades. Assim, a manutenção de uma “distância segura” pode ser uma sábia decisão no sentido de evitar problemas, dificuldades e, até mesmo, repetição das ofensas anteriores.

Perdoar a si mesmo (**autoperdão**) é fundamental. Ninguém passa pela jornada da vida sem errar. Um dos grandes desafios da existência consiste em diminuir, ao máximo, a quantidade de equívocos cometidos e suprimir aqueles intencionais. Assim, é preciso evitar e superar a autopunição por erros e fracassos. É crucial compreender que as dificuldades são próprias da vida e funcionam como relevantes aprendizados.

A falta de perdão (incluindo o autoperdão) funciona como um **veneno**. Não perdoar (e também não se autoperdoar) implica em uma grande perda de tempo com aflições, uma boa dose de sofrimento e um considerável atraso no progresso moral. A jornada da vida já conta com significativas dificuldades externas. Não faz sentido agregar aos percalços impostos pelo mundo, normalmente fora do nosso controle, aqueles gestados no plano interior e, exatamente por isso, passíveis de superação com a força que vem de dentro.

Um dos maiores aprendizados indica que quem segue a jornada da vida com o coração limpo e leve colhe, inevitavelmente, os frutos dessa paz interior. Nenhuma escuridão, venha de onde vier ou tome a forma que tomar, é capaz de apagar o brilho de quem escolheu o caminho da luz. Semear o amor por intermédio do perdão (e autoperdão), pela força da inexorável lei de causa e efeito, terá como consequência, mais cedo ou mais tarde, a experimentação do mais genuíno sentimento de **felicidade**.

